

O Natal em Barroso

Bento da Cruz

O Natal em Barroso

O texto ***O Natal em Barroso*** é um inédito de Bento da Cruz escrito propositadamente para este caderno e foi vertido para mirandês por Amadeu Ferreira. A estes dois grandes vultos da cultura trasmontana, os nossos agradecimentos pela generosidade.

Edição: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real

Tiragem: 1.600 exemplares

Vila Real, Natal de 2011

ISBN: 978-972-9462-88-7

Depósito Legal: 336524/11

Minerva Transmontana, Tipografia, Lda. — Vila Real

O Natal em Barroso

Bento da Cruz

*O Presidente da Câmara Municipal de Vila Real
apresenta a V. Ex.^a e Exm.^a Família
os seus mais ardentes votos
de Bom Natal e Feliz Ano 2012*

O Natal em Barroso

Há oitenta e cinco anos, passei o Natal ao colo de minha mãe. Não me lembro de nada, mas é de supor que o leite materno tivesse um sabor especial para mim naquela noite. No ano seguinte, do qual também me não lembro, é de crer que já ferrasse o dente na febrzinha do bacalhau. A partir do terceiro ano, começo a ter umas luzes. É delas que vou falar.

O primeiro fogacho que guardo na lembrança é o de que a aldeia acordava envolta em neblina naquela manhã. Uma neblina misteriosa, com o seu quê de sobrenatural. Na altura não pensava nisso. Mas hoje relaciono-a com a messiânica manhã de nevoeiro que nos há-de trazer D. Sebastião. A coisa tem a sua lógica. D. Sebastião, salvador de Portugal. O Menino de Belém, salvador do mundo. Felizes os que acreditam.

Outra impressão que anda comigo desde esse tempo é a de que as pessoas acordavam todas bem-dispostas naquele dia – ignoro se à espera da salvação, se do bacalhau e das rabanadas.

Seja como for, embora a igreja o não impusesse, todos guardavam dia santo a 24 de Dezembro. E até, à conta disso, me estou a lembrar de uma vez minha mãe ter jungido as vacas e me ter dito:

L Natal an Barroso

Hai uitenta i cinco anhos, passei l Natal al cuollo de mie mai. Nun se me lhembra de nada, mas hai que suponer que l lheite materno tubira un sabor special para mi naqueilha nuite. L anho apuis, de que tamien nun se me lhembra, l mais cierto ye que yá le botasse l diente a la febrica de bacalhau. Apuis l treceiro anho, ampeço a tener uas lhuzes. Deilhas bos bou a falar.

La purmeira eimaige que guardo na lhembráncia ye de que l'aldé spertaba ambuolta an nubrina aqueilha manhana. Ua nubrina misteriosa, cun l sou quei de subrenatural. Nesse tiempo nun pensaba nesso. Mas hoije lio-la cula messiánica manhana de nubrina que mos ha de traier D. Sabastian. La cousa ten la sue lógica. D. Sabastian, salvador de Pertual. L Nino de Belen, salvador de l mundo. Felizes ls que acradítan.

Outra eideia que anda cumigo zde esse tiempo ye la de que las pessonas spertában todas bien çpuostas aquel die – nun sei se a spera de la salbaçon, se de l bacalhau i las torrijas.

Seia cumo seia, anque l'eigreja nun lo mandasse, todos guardában die santo a 24 de dezembre. I até, por bias desso, se me stá a lhembrar dua beç mie mai haber ounhido las bacas i me haber dezido:

– Toca este carro ao teu pai à *Touça da Fonte*.

Até chorei pelo caminho: “junguir no dia de Natal...”, fungueteava eu, a limpar as lágrimas ao canhão da véstia. Agora também não sei se eu chorava por ter de ir à lenha se pela lembrança de que, àquela hora, já todos os da minha igualha estavam à lareira a debulhar a pinha.

As pinhas eram a única prenda de Natal com que as crianças da minha aldeia e do meu tempo podiam contar. Em Peireses não havia pinheiros mansos. De modo que as pinhas, como o polvo ou o bacalhau, vinham de longe e custavam dinheiro. Por isso eram racionadas. Uma por cabeça ou, na pior das hipóteses, uma para dois.

Com que entusiasmo nós a debulhávamos ao calor dos tições, virando-as de um lado e do outro, à espera que elas arreganhassem os dentes, que nós lhes íamos extraindo e dispondo em eirado na pedra do lar. E começava aí a competição:

– Quantos rendeu a tua?

– Setenta e cinco pares!

– A minha oitenta e três!

Depois, dia fora, era uma jogatina que nunca mais acabava. “Par ou pernã”, “rapa”, “arrebindai-ma”, olho vivo, mão ligeira, raciocínio rápido, que tudo isso faz parte do jogo da vida ao qual o do pinhão servia de treino.

Outra lembrança que me ficou desse tempo é a do cheiro à resina que se desprendia das pinhas e nos impregnava as mãos, a roupa, a pituitária, a casa toda.

Se nos lembrarmos de que o incenso, que eu suponho ser também uma resina, foi um dos presentes trazidos pelos Reis do Oriente ao Menino de Belém, facilmente concluiremos que uma pinha é a prenda mais adequada

– Lhieba le este carro a tou pai a la *Touça de la Fuente*.

Anté chorei pul camino: “ounhir l die Natal...”, fungaba you, a lhimpar las lhágrimas a la manga. Agora tamien nun sei se you choraba por tener de ir a lheinha se pula lhembrância de que, a aqueilha hora, yá todos ls de l miu tiempo stában al lhume a zbulhar la pinha.

Las pinhas éran la sola prenda de Natal cun que ls ninos de la mie tierra i de l miu tiempo podien cuntar. An Peireses nun habie pinos mansos. De modo que las pinhas, cumo l polbo ou l bacalhau, benien de loinge i custában denheiro. Por esso stában a racion. Ua por cabeça ou, ne l pior de ls causos, ua para dous.

Cun que animaçon nós la zbulhábamos a la calor de ls tiçones, bolbendo las dun lhado i doutro, a spera que arreganhássen ls dientes, que nós le íbamos sacando i çponendo nas eiras de la piedra de l lhume. I ampeçaba ende la cumpetiçon:

- Quantos botou la tue?
- Setenta i cinco pares!
- La mie uitenta i três!

Apuis, die alantre, era ua jogatina que nunca mais acababa. “Par ou nones”, “rapa”, a la rebunhana, uolho bibo, mano delgeira, pensar listo, que todo esso fai parte de l jogo de la bida pa l qual l de l pinhon serbie de treino.

Outra lhembrância que me quedou desse tiempo ye la de l oulor a resina que se sultaba de las pinhas i se mos metie pulas manos, roupa, narizes i pula casa toda.

Se mos lhembramos de que l ansénsio, que you supongo ser tamien ua resina, fui ua de las pinhas traídas puls Reis de l Oriente al Nino de Belen, facelmente

para oferecer a uma criança pelo Natal.

Em “sapatinho na chaminé” ninguém falava. Aliás todos nós andávamos de tamancos e as chaminés eram quase todas de alçapão, a saber: um buraco no colmaço do beiral, com uma pala movediça que se levantava ou descia com um lareiro ao sabor das exigências da chuva e do vento.

A “árvore de Natal” era completamente desconhecida e, a respeito de presépios, só o da igreja matriz, a três quilómetros de distância.

Na altura não dava por isso. Mas hoje reconheço que a maioria das casas da minha aldeia tinham muito de Presépio ou Gruta de Belém. Eram térreas, exíguas, e os animais domésticos, coelhos, galinhas, cães, gatos, cabritos chegadiços, recos criados ao caco, cirandavam por ali à vontade por cima da lenha, por debaixo do escano, por entre as pernas das pessoas. Uma simples trancada separava a cozinha das cortes do gado. De modo que a vaca e o burro estendiam a cabeça por cima da cancela a ver-nos debulhar as pinhas à lareira.

Mas eis que as mães, irmãs e tias corriam connosco de casa. Que lhe deixássemos campo livre aos potes e às sertãs. E nós íamos jogar o pinhão para a rua ou para o forno, conforme fizesse bom ou mau tempo.

A refeição do meio-dia, a que nós chamávamos *jantar*, era de certo modo aligeirada, para deixar espaço para a ceia.

A seguir deitava-se a fazenda ao monte. A partir dos seis, sete anos, já todos nós éramos pastores e por lá passávamos a tarde a jogar o pinhão, completamente esquecidos das cabras e das vacas, que não se ensaiavam

cuncluiremos que ua pinha ye la perpinha mais al modo para ouferecer a un nino pul Natal.

An “çapatico ne l chupon” naide falaba. Bendo bien todos andábamos de chancos i ls chupones éran quaije todos de alçapon, quier dezir: un buraco ne l colmeiro de l beiral, cun ua pala que se mexie i se lhebantaba ou abaixaba cun un palo cunsante assi lo mandaba l aire ou l’auga de chober.

La “arble de Natal” era anteuramente çcoincida i, quanto a presebes, solo l de l’eigreja matriç, a três quilómetros de lunjura.

Nesse tiempo nun daba por esso. Mas hoije reconheço que l mais de las casas de la mie tierra tenien muito de Presebe ou Lhapo de Belen. Éran terreiras, pequerricas, i ls animales de casa, coneilhos, pitas, perros, gatos, chibos chegadiços, cochinos criados na pila, andában puli suoltos porriba la lheinha, por ambaixo l scanho, pul meio las piernas de las pessonas. Nada mais que ua tranca apartaba la cozina de las corteilhas de l ganado. De modo que la baca i l burro sticában la cabeça porriba la canhiça a ber mos a zbulhar las pinhas al lhume.

Nesto las mais, armanas i ties botában-mos pa la rue. Que le deixáramos campo a las panelas i a las sartianes. I nós íbamos a jogar al pinhon pa la rue ou pa l forno, cunsante l tiempo stubira buono ou malo.

L quemer de meidie, a que nós le chamábamos *jantar*, era assi algo hounesto, para deixar campo pa la cena.

Apuis botaba-se la fazienda por alhá. De ls seis, siete anhos palantre, yá todos éramos pastores i por alhá passábamos la tarde a jogar l pinhon, squecidos de todo

nada para assaltar o lameiro ou a messe do vizinho e sujeitarem-nos a uns cachações, dos quais nem a solenidade do dia nos livrava.

Pelas quatro e meia, cinco horas, vinham as fazendas do monte e nós corríamos às cozinhas ao vazo da merenda, naquele dia condimentada com uma ou duas guloseimas extra.

Entre a merenda e a ceia, era a hora de visitar a parentela e receber os vizinhos ou simples conhecidos encontrados casualmente na rua:

– Venha beber um copo.

– Já que faz gosto nisso e atendendo ao dia...

Alguns apenas debicavam, por delicadeza. Outros bebiam-lhe bem, ficavam vermelhuscos, ruminantes, pegajosos. Era preciso correr com eles educadamente:

– Quer cá cear connosco?

– Não senhor, Deus me livre, hoje é dia dedicado à família...

– Então beba mais um copo para a despedida.

– Então cá vai à sua saúde.

Pelas seis horas era noite cerrada e nós continuávamos a jogar os pinhões à luz da candeia.

Outra impressão que me ficou desses tempos é a de que um calor especial envolvia a aldeia naquela noite. Nem admira. Em todas as lareiras, mesmo nas dos cabaneiros, onde, a cotio, ardiam apenas uns chamiços verdes, havia, naquela noite, uma boa fogueira de toros de carvalho. Nem que fossem roubados.

Era também em casa dos cabaneiros que apareciam os filhos que andavam a servir por fora e vinham consoar com as famílias.

de las cabras i de las bacas, que nun se fazien scumiosas para saltar pa l cerrado ou l pan de l bezino i a assujeitáren-mos a uas punhadas, de que nien la solenidade de l die mos lhibraba.

Arrimado a las quatro i meia, cinco horas, benien las faziencias de por alhá i nós fugiemos até las cozinhas a saber de merenda, naquel die acrecentada cun ua ou dues lambuxes.

Antre la merenda i la cena, era la hora de bejitar la parentena i recibir ls bezinos ou simpres coincidos cun que por acauso s'ancarara na rue:

– Beni a buer un copo.

–Yá que fazeis gusto nesso i yá que stamos neste die...

Solo alguns quemiscában, por delicadeza. Outros buien-le bien, quedában aburmelhados, remenantes, peganhentos. Era perciso mandá-los ambora eiducadamente:

– Quereis cenar cun nós?

– Nun senhor, Dius te lhibre, hoije ye l die dedicado a la familia...

– Antoce buei mais un copo pa la çpedida.

– Antoce acá bai a la buossa salute.

Arrimado a las seis era cun de nuite scura i nós cuntinábamos a jogar ls pinhones a la lhuç de la candela.

Outra eideia que me quedou desses tiempos ye la de que ua calor special ambolbie l'aldé naqueilha nuite. Nien admira. An todos ls lhumes, mesmo ne ls de ls cabanheiros, adonde, a cotiu, ardien solo uns morgaços berdes, habie, naqueilha nuite, ua buona fogueira de tuoros de carbalhos. Nien que fúran roubados.

Era tamien an casa de ls cabanheiros que aparecien

Numa casa ou noutra liam-se as cartas dos ausentes vindas de Lisboa, da América, do Brasil: “Saudoso irmão: hoje mesmo mandei lançar mão da pena para saber da tua saúde, que a minha, ao fazer desta, fica boa, graças a Deus. Saberás...” Que se eles soubessem o que por lá os esperava, nunca eles teriam deixado a sua “terrinhá abençoada”. Pediam notícias de tudo e de todos, e despediam-se até para ao ano “se Deus quiser”.

Essas missivas ingenuamente sentimentais e falhas de gramática, arrancavam lágrimas de saudade aos adultos. Que nós, as crianças, vivíamos noutro mundo. Só uma palavra mágica nos arrancava ao mundo encantado do jogo do pinhão:

– Todos para a mesa!

O pai punha o “Pau do Natal”, um tranco de carvalho alvarinho cortado naquele dia, ao lume. Ali ficava a arder enquanto a ceia durasse. Depois era religiosamente guardado como amuleto contra as trovoadas. Logo que estas se anunciassem, punha-se o “Pau do Natal” ao lume até elas se afastarem.

A mesa estava bonita naquela noite. Uma grande toalha de linho caseiro bordado à mão a cobrir todo o tampo e outra mais pequena, do mesmo tecido e lavor, dobrada em quatro, à cabeceira, a servir de trono a uma broa centeia, espécie de *arco-da-aliança* entre nós e o Deus das searas.

Comíamos todos do mesmo prato. Umas travessas redondas de faiança antiga, enormes, com o desenho de um galo galaroz todo emproado na concavidade e cercaduras multicoloridas. Uma para as batatas, as couves, e as cebolas, ainda fumegantes, outra para o

ls filhos que andában a serbir un amo i benien a cunselar cun las familias.

Nua casa ou noutra lien se las cartas de ls que stában fuora benidas de Lisboua, de l’América, de l Brasil: “Suidoso armano: hoije mesmo le botei mano a la pruma para saber de la tue salude, que la mie, al fazer desta, queda buona, grácias a Dius. Saberás...” Que se eilhes soubíran l que por alhá ls speraba, nunca haberien deixado la sue “terríca abinçoada”. Pedien amboras de todo i de todos, i çpedien-se até pa l anho “se Dius quejir”.

Essas cartas algo simpricas i falhas de gramática, arrincában-le lhágrimas de suidade als crecidos. Que nós, ls ninos, bibiemos noutro mundo. Solo ua palabra mágica mos arrincaba al mundo ancantado de l jogo de l pinhon:

– Todos pa la mesa!

L pai ponie l “Palo de l Natal”, un tuoro de carbalho albarino cortado naquel die, al lhume. Eilhi quedaba a arder anquanto la cena durasse. Apuis era relegiosamente arrecadado cumo malzina contra las troniadas. Mal apenas estas s’anunciában, ponie-se l “Palo de l Natal” al lhume até eilhas se íren ambora.

La mesa staba guapa naqueilha nuite. Ua grande toalha de lhino caseiro bordado a mano a tapar toda la mesa i outra mais pequinha, de l mesmo panho, i lhabor, drobada an quatro, a la cabeceira, a serbir de trono a ua fogaça centena, a modo *arca-de-l’aliança* antre nós i l Dius de ls panes.

Quememos todos de l mesmo prato. Uas trabiessas redondas de faiança antiga, mui grandes, cun l zeinho dun galho todo amprouado ne l fondo i ls redondos mui queloridos. Ua pa las patatas, las berças, i las cebolhas,

bacalhau, um delicioso bacalhau que então havia e a que chamavam de cura inglesa, uma terceira para polvo, seco, mas devidamente batido e demolhado, e a quarta para o molho de água, azeite, vinagre, ovos e alho. Não sei porquê, mas do que melhores recordações guardo é do molho, onde nós mergulhávamos a garfada antes de a levar à boca. Bebia-se um divino falerno tinto da Costa de Anelhe pela mesma caneca, à roda.

Tudo conforme Deus manda, avançavam de lá os postres. Rabanadas, letria, doces de jerimum, bolinhos de bacalhau, figos secos, nozes, pêras bêbadas, um cálice do *Três Velhotes*, uma taça de champanhe.

Oferecida a mesa, voltávamos ao jogo do pinhão.

Missa do galo, pelo menos na minha aldeia, não havia. Mas no dia 25 ninguém faltava às Três Missas de Natal, tidas como arma infalível contra as arremetidas do diabo. No caso de nos aparecer o porco sujo, bastava dizer: “Valham-me as Três Missinhas do Natal”, para ele dar um estouro como uma castanha no assador. Por isso, pela meia-noite, o mais tardar, obrigavam-nos a ir para a cama. Seria bonito dizer aqui que sonhávamos com o Menino Jesus. Mas não quero mentir. Se algum sonho bom nos embalava o sono, era o de termos ganho ao jogo dos pinhões.

inda a botar fumo, outra pa l bacalhau, un saberoso bacalhau que nesse tiempo habie i le chamában de cura inglesa, ua treceira pa l polbo, seco, mas batido cumo debe de ser i demolhado, i la quarta pa l molho de auga, azeite, binagre, uobos i alho. Nun sei porquei, mas de l que mais buenas lhembráncias guardo ye de l molho, adonde nós acachapuçábamos la garfiada antes de la llebar a la boca. Buie-se un debino falerno tinto de la Costa de Anelhe pula mesma jarra, alredror.

Todo cunsante Dius manda, benien apuis las subrecenas. Torreijas, fideu, doces de jerimun, bolhos de bacalhau, figos secos, nuozes, peras amborrachadas, ua copa de *Três Velhotes*, ua copa de champanha.

Oufrecida la mesa, tornábamos al jogo de l pinhon.

Missa de l galho, al menos na mie tierra, nun habie. Mas l die 25 naide faltaba a las Três Missas de Natal, habidas cumo arma anfalible contra las arremetidas de l diablo. Se mos adregaba a aparecer esse cochino, bundaba dezir: “Bálan-me las três Missicas de l Natal”, para el dar un stouro cumo castanha ne l assador. Por esso, arrimado a meia nuite, l mais tardar, oubrigábanmos a ir a la cama. Serie guapo dezir eiqui que sonhábamos cun l Nino Jasus. Mas nun quiero dezir mintiras. Se algun suonho buono mos arrolhaba l drumir, era l habermos ganhado al jogo de ls pinhones.

